

## Descrevendo a síndrome: diálogo entre as revistas *Época* e *Istoé* na construção da imagem da pessoa com Down.

Lucas R. Barbosa<sup>1</sup>, Marian Oliveira<sup>2</sup>, Vera Pacheco<sup>3</sup>.

1. Estudante de IC do curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB; \*[lucas.amosbarbosa@gmail.com](mailto:lucas.amosbarbosa@gmail.com)

2. Pesquisadora do Depto.de Estudos Linguístico e Literários, UESB, Vitória da Conquista/BA

3. Pesquisadora do Depto.de Estudos Linguístico e Literários, UESB, Vitória da Conquista/BA.

Palavras Chave: *jornalismo, síndrome de Down, semântica.*

### Introdução

Descrita pela primeira vez em 1862, por Langdon Down, a síndrome de Down (SD) é uma das alterações genéticas mais comuns. Down considerava que pessoas com essa síndrome eram seres inferiores e utilizou a palavra “mongolismo” para se referir a essa condição. Há no Brasil, atualmente, cerca de 300 mil pessoas com essa síndrome e o jornalismo, ferramenta responsável pela construção da realidade e pelo escoamento de informações científicas, tem papel relevante na divulgação de preconceitos que podem afetar essas pessoas. Os estereótipos criados pelo discurso científico, são muitas vezes, reforçados através da imagem socialmente construída pelos meios de comunicação de massa. Assim, selecionamos, a partir de um acervo levantado por Barbosa, Oliveira e Pacheco (2015), duas matérias uma de *Época* e uma de *Istoé* para cumprir o objetivo deste trabalho, qual seja apresentar uma análise semântica de itens lexicais que aparecem nas matérias e que fazem referência à síndrome, a fim de avaliar de que maneira as revistas dialogam ao descrever a SD e que imagem de pessoa é construída a partir de tais itens.

### Resultados e Discussão

Para cumprir ao objetivo proposto, selecionamos no acervo disponibilizado por Barbosa, Oliveira e Pacheco (2015) duas matérias sobre síndrome de Down uma da revista *Época* e outra da *Istoé*, catalogamos e analisamos o significado dos termos e expressões usados para descrever a SD.

“Eles vão à luta: jovens com síndrome de Down superam seus limites e mostram que podem crescer no mercado de trabalho e até casar (*Época*, nº363, ano de 2005). Itens lexicais frequentes: **Jovem/ filho(a)/ pessoas/ funcionário /criança/alunos/ irmão com síndrome de Down, necessidades especiais, problema, vítima, diferentes, risco, deficiência, padrão genético, acidente genético.**

As terminologias com maior ocorrência foram **risco**, que, segundo o dicionário Aurélio, é um substantivo masculino usado para definir: 1. Perigo ou possibilidade de perigo. Ao se utilizar essa terminologia no texto noticioso, o autor reafirma e fortalece a crença comum de que ter um filho com Down gera um **problema**, um **perigo** para a própria pessoa Down ou para seus pais e responsáveis. A conotação é a de uma espécie de transtorno para a família; **problema**, que no dicionário Aurélio é definido da seguinte maneira: 1. Proposta duvidosa, que dá margem a hesitação ou perplexidade, por difícil de explicar ou de resolver. 2. Conflito afetivo que impede ou afeta o equilíbrio psicológico do indivíduo. Ao associar a SD a algo que provoca hesitação e conflito afetivo, cria-se uma barreira entre família e o sujeito por trás da síndrome. O filho que tem essa condição será sempre relacionado a um estorvo, o que pode comprometer seu desenvolvimento e seu desempenho na sociedade.

“ Cada vez menos down - A atual geração de pessoas com síndrome de Down vive mais, trabalha, pratica esporte e casa (*Istoé*, nº1918, 2006) Os termos mais usados na matéria foram para se referir à síndrome foram: **Criança/ indivíduo/ pessoa/ parceiro com síndrome de Down, ser frágil, pouco capaz, acidente genético, especiais, deficiência mental.**

Para se dizer da SD, foram utilizadas expressões como **acidente genético**. Segundo o dicionário, acidente pode ser assim definido: 1. Acontecimento casual, fortuito, imprevisto. 2. Acontecimento infeliz, casual ou não, e de que resulta ferimento, dano, estrago, prejuízo, avaria, ruína, etc.; desastre. Ao qualificar a condição genética como acidente, o efeito de sentido que se pressupõe é de infortúnio. Quando se diz que a SD é um **acidente genético**, imagina-se que o sujeito foi **vítima** de tal acontecimento. Assim, cria-se a premissa de uma vida condicionada a restrições e hesitações, preso em uma existência lamuriosa. Também foi usada a palavra **especiais**, que no dicionário significa: 1. Fora do comum; distinto, excelente.. 3. Diz-se de adulto ou criança com necessidades especiais. Nesse caso, a palavra em destaque foi utilizada para dizer que as pessoas com SD são diferentes das outras e que, por isso, necessitam de cuidados diferentes das outras. Apesar de parecer um verbete de peso semântico mais leve do que outras terminologias já analisadas, o contexto em que o termo aparece nos aponta que há, na verdade, um disfarce no que diz respeito ao efeito de sentido, o título da matéria já entrever o ponto de vista do autor, a partir do trocadilho que faz entre os substantivos “down” vs “ Down”. Observa-se, portanto uma afinação nítida no que é posto nas duas revistas e isso reforça um diálogo que além de fortemente presente na literatura médica faz parte do imaginário geral.

### Conclusões

Pela análise dos itens lexicais aqui apresentados, as revistas *Época* e *Istoé*, ao se referirem à SD, dialogam no sentido de propagar o estereótipo considerado por Langdon Down. Por consequência, mesmo que o disfarçado pelo contexto, as matérias associam o paradigma de anormalidade ao sujeito por trás da síndrome.

### Agradecimentos

Ao CNPq;

À UESB;

À Profª.Drª Marian Oliveira;

À Profª.Drª Vera Pacheco.

### Referências

ALVARENGA, Telma. Eles vão à luta. *ÉPOCA*, São Paulo, edição 363. 2005;

BARBOSA, L. R; OLIVEIRA, M. PACHECO, V. O tratamento da mídia sobre o tema síndrome de Down: o caso Veja. 67ª. Reunião anual da SBPC, São Carlos, 2015.

CASTELLÓN, L; RODRIGUES, G. Cada vez menos Down. *ISTOÉ*, São Paulo, edição 1918. 2006;